

Jeanne d'Arc

Julgamento de Condenação

(Tradução do documento em <http://www.abbaye-saint-benoit.ch/saints/jeanne/index.htm>)

1º interrogatório público

Quarta-feira 21 de Fevereiro de 1431, o Bispo de Béarnais (Pierre Cauchon) vai à capela real do castelo de Rouen. Ele abre a sessão, assistido por quarenta e três assessores. Assim que a acusada entra, ele expõe como ela foi presa no território da diocese e como numerosos actos feitos por ela, feriam a fé ortodoxa. Segundo a regra ele exortou-a a dizer a verdade.

Jeanne (J): Ignoro a matéria do interrogatório. Talvez me perguntem coisas que não devo vos dizer.

Bispo (B): Jura dizer a verdade sobre o que lhe for perguntado sobre a matéria da fé e que você saiba.

J: Do meu pai, da minha mãe e das coisas que fiz depois que empreendi o caminho de França, voluntariamente jurarei. Mas das revelações a mim feitas da parte de Deus, eu não as disse nem revelei a ninguém, excepto a Charles, meu Rei. E eu não as revelarei, mesmo se me tiverem que cortar a cabeça! Porque eu tive esta ordem por visão, ouço do meu conselho secreto, de nada revelar a ninguém. E, antes de oito dias, eu saberei se as devo revelar.

B: Mais uma vez, nós, vos admoestamos e requeremos que preste juramento de dizer a verdade sobre as coisas que têm a ver com a nossa fé.

J: (de joelhos e as duas mãos pousadas sobre o missal) – Eu juro dizer a verdade sobre as coisas que me forem perguntadas e que eu saiba, no que diz respeito à matéria da fé.

B: Qual o seu nome e sobrenome?

J: No meu país, chamavam-me Jeannette e, desde que vim para França, chamam-me Jeanne. Do sobrenome, não sei nada.

B: Qual o seu lugar de origem?

J: Eu nasci na aldeia de Domremy, que faz uma só, com a aldeia de Greux. É no sítio dito Greux que está a principal igreja.

B: Quais eram os nomes do vosso pai e mãe?

J: Meu pai chamava-se Jacques d'Arc. Minha mãe, Isabeau.

B: Onde foi baptizada?

J: Na igreja de Domremy.

B: Quem foram seus padrinhos e madrinhas?

J: Uma das minhas madrinhas chamava-se Agnès, outra Jeanne, outra Sibille. Um dos meus padrinhos chamava-se Jean Lingué, outro Jean Barrey. Tive ainda outras madrinhas, como ouvi dizer à minha mãe.

B: Que padre a baptizou?

J: Senhor Jean Minet, segundo creio.

B: Ele ainda é vivo?

J: Sim, segundo creio.

B: Que idade tem você?

J: Como me parece, mais ou menos dezanove anos.

B: Quem vos ensinou a vossa crença?

J: Aprendi da minha mãe o Pater Noster, Ave Maria, Credo. Não aprendi de mais ninguém a minha crença, a não ser da minha mãe.

B: Diga o Pater Noster.

J: Ouça-me em confissão, e eu o lhe direi de boa vontade.

B: Mais uma vez, requeiro que diga o Pater Noster

J: Não vos direi nada Pater Noster, a menos que me ouça em confissão.

B: Uma terceira vez, eu requeiro que diga Pater Noster.

J: Só vos direi Pater Noster em confissão.

B: De boa vontade, nós vos daremos um ou dois notáveis homens da língua de França, diante dos quais você dirá Pai Nosso.

J: Só lhes direi se me ouvirem em confissão.

B: Assim sendo nós proibimos a Jeanne de sair da prisão, sem a nossa autorização, sob pena de ser reconhecida culpada do crime de heresia.

J: Não aceito esta proibição. Se eu me escapasse, ninguém me poderia prender novamente por ter falseado ou violado a minha fé, porque eu não impus a minha fé a ninguém. De mais, tenho a me queixar de estar presa com correntes e entraves de ferro.

B: Algures e por variadas vezes, tentou escapar-se das prisões. É por esse motivo que foi dada ordem de a meter em correntes de ferro.

J: É verdade que algures quis, e queria ainda escapar-me, como é lícito a quem quer que seja que esteja encarcerado ou prisioneiro.

B: Assim sendo, nós bispo, para maior segurança, confiamos a guarda de Jeanne, a nobre homem John Gris (ou John Grey), escudeiro do corpo de nosso domínio senhorial, e, com ele, Jean Berwoit e Guillaume Talbot, lhes recomendando de a bem e fielmente guardarem, sem permitir a quem quer que seja de conferenciar com ela sem a nossa autorização.

Vós, os três denominados guardas, as mãos sobre os Santos Evangelhos, jurem que assim o farão.

(Os guardas juraram)

.....

2º interrogatório público

Quinta-feira, 22 de Fevereiro 1431, 47 assessores com o Bispo

Bispo Cauchon: Reverendos, Doutores e Mestres, irmão Jean Lemaître, vigário da Inquisição, presente na audiência, foi por nós requisitado para se juntar ao processo; à oferta de lhe comunicar todos os actos, o dito vigário respondeu não se reconhecer de poderes suficientes, a não ser para a diocese de Rouen, enquanto que a causa se julga na nossa jurisdição de Beauvais e sobre o seu território emprestado. Por isso, afim de não invalidar o processo e de tranquilizar a sua consciência, ele adiou de se juntar a nós até mais ampla informação ou recepção de poderes maiores do Senhor Inquisidor. O dito vigário, entretanto, mostrou boa vontade de que continuássemos o procedimento sem parar.

Vigário J. Lemaître: O que você expõe é a verdade. Aprovei e aprovo, tanto quando posso e que dependa de mim, que vocês prossigam.

[Jeanne é introduzida perante o Bispo]

B: Jeanne, requeremos que vós, sob as penas de direito, de repetir o juramento prestado ontem e de jurar simplesmente e absolutamente de responder com verdade.

J: Jurei ontem. Isso deve chegar.

B: Requeremos, de novo, que jure, uma vez que toda a pessoa, mesmo um príncipe, requerido em matéria de fé, não pode recusar o juramento.

J: Fiz-lhe ontem o juramento. Isso deve bem lhe ser suficiente. Você carrega-me (ataca) muito.

B: Mais uma vez, jure.

J: Juro dizer a verdade no que toca à fé.

Interrogador: Eu começo, Jeanne, por vos exortar a dizer, como o jurou, a verdade.

J: Você pode me perguntar sobre uma coisa sobre a qual responderei com a verdade e, sobre outra, que não responderei. Se você estivesse bem informado sobre mim, deveria querer que eu estivesse fora das suas mãos. Não fiz nada que não fosse por revelação.

Interrogador: Que idade tinha quando abandonou a casa paterna?

J: Eu não sei.

Interrogador: Na sua jovem idade, aprendeu alguma arte ou profissão?

J: Sim, a costurar e a fiar. E não temo mulher de Rouen para fiar e costurar.

Interrogador: Não saiu uma vez da casa do seu pai?

J: Sim, por medo dos Bourguignons, parti da casa de meu pai e fui para a vila de Neufchâteau, em Lorraine, para casa duma mulher que chamávamos a Rousse. Demorei aí quinze dias.

Interrogador: Que fazia em casa de seu pai ?

J: Em casa do meu pai, fazia o trabalho doméstico. E não ia para o campo com as ovelhas ou outros animais.

Interrogador: Confessava-se todos os anos?

J: Sim, ao meu próprio pároco, e quando o pároco não podia, a um outro padre. Algumas vezes, duas ou três vezes, penso, confessei-me a religiosos mendigos. Era em Neufchâteau. Eu comungava na festa da Páscoa.

Interrogador: Comungava noutras festas?

J: Passe a outra.

Interrogador: Quando começou a ouvir vozes?

J: Tinha treze anos quando tive uma voz de Deus para me ajudar a orientar. A primeira vez tive grande medo. Esta voz veio na hora de meio-dia, no verão, no jardim do meu pai.

Interrogador: Estava em jejum?

J: Estava em jejum.

Interrogador: Tinha jejuado na véspera?

J: Não tinha jejuado na véspera.

Interrogador: De que lado ouvia a voz?

J: Ouvei esta voz, à direita, do lado da igreja, e raramente ela veio a mim sem estar acompanhada duma grande claridade. Esta claridade vinha do mesmo lado que a voz, e há geralmente uma grande claridade. Quando vim para França, ouvia frequentemente a voz.

Interrogador: Como via essa claridade se ela se produzia de lado ?

J: (não responde e passa a outra coisa) Se estivesse num bosque, ouviria bem essas vozes a virem.

Interrogador: Como era essa voz?

J: Parece-me que era uma voz nobre, e acredito que ela me era enviada da parte de Deus. À terceira vez que a ouvi, reconheci que era a voz dum anjo. Ela guardou-me sempre bem.

Interrogador: Podia compreendê-la?

J: Compreendi-a sempre bem.

Interrogador: Que ensinamento lhe dava a voz para a salvação da sua alma?

J: Ela ensinava-me a bem me conduzir e a frequentar as igrejas. Ela disse-me que era necessário que eu viesse a França.

Interrogador: De que espécie (modo) era essa voz?

J: Você não terá vantagem hoje sobre isso.

Interrogador: A voz falava frequentemente?

J: Duas ou três vezes por semana ela me exortava a partir para França.

Interrogador: O seu pai sabia da sua partida ?

J: O meu pai não soube nada da minha partida. A voz apressava-me sempre e eu já não podia mais durar onde estava.

Interrogador: Que lhe dizia a voz?

J: Ela dizia-me que eu faria levantar o cerco de Orléans.

Interrogador: Que dizia ela ainda?

J: Ela dizia-me de ir encontrar Robert de Baudricourt, capitão, e que ele me daria pessoas para marcharem comigo, porque eu era pobre moça, não sabendo nem cavalgar, nem conduzir guerra.

Interrogador: Continue.

J: Fui à do meu tio e disse-lhe que queria ficar na casa dele pouco tempo, e fiquei por volta de oito dias. Disse então ao meu tio que era preciso ir a Vaucouleurs, e o meu tio levou-me. Quando fui a Vaucouleurs, reconheci o capitão (Robert de Baudricourt) que nunca tinha visto antes, foi por meio da minha voz que me disse que era ele. Eu disse então ao capitão que era preciso que eu fosse a França. Duas vezes ele me repeliu e me rejeitou; mas à terceira vez ele recebeu-me e me deu os homens. De facto a voz me disse que seria assim.

Interrogador: Fale-nos sobre o duque de Lorraine.

J: O duque de Lorraine mandou que me guiassem até ele. Fui e disse-lhe que queria ir a França. O duque interrogou-me sobre o restabelecimento da sua saúde. Mas eu disse-lhe que disso não sabia nada.

Interrogador: Que disse você ao duque sobre a sua viagem?

J: Não lhe fiz grandes comunicações sobre a viagem. Pedi-lhe que me desse o seu filho (René d'Anjou) com pessoas para me acompanharem a França, e que rezaria a Deus pela sua saúde. Fui ter com o Duque sem salvo-conduto. De casa dele voltei a Vaucouleurs.

Interrogador: Com que traje saiu de Vaucouleurs?

J: De Vaucouleurs saí com uma vestimenta de homem, levando uma espada que me tinha dado o capitão, sem outras armas. Tinha para me escoltar um cavaleiro, um escudeiro e quatro servidores. Cheguei a Saint-Urbain onde passei a noite na abadia. Passei por Auxerre e ouvi a missa na catedral.

Interrogador: Ouvia as vozes durante a viagem?

J: Tinha quase sempre as minhas vozes com essa que já mencionei.

Interrogador: Diga-nos por que conselho é que se vestiu de homem?

J: Passe a outra.

Interrogador: Mas responda.

J: Passe a outra.

Interrogador: Foi um homem que a aconselhou?

J: Disso não acuso homem nenhum.

Interrogador: Que disse Baudricourt, no dia da sua partida?

J: Robert de Baudricourt fez aqueles que me acompanhavam jurarem de bem e seguramente me guiarem. A mim, ele disse «vai» e no momento da partida «vai, e aconteça o que acontecer».

Interrogador: Que sabia do duque de Orléans que estava prisioneiro em Inglaterra?

J: Sei que Deus ama o duque de Orléans. Tive mais relevações sobre ele do que sobre homem vivo, excepto sobre o meu senhor o Rei.

Interrogador: Diga agora porque se vestiu de homem?

J: Era preciso que mudasse a vestimenta de mulher e me vestisse de homem.

Interrogador: O seu conselho disse-lho?

J: Creio que o meu conselho, nisso, avisou-me bem.

Interrogador: Que fez você quando chegou a Orléans?

J: Enviei uma carta aos ingleses que estavam frente a Orléans. Ela dizia-lhes que partissem, como está na cópia da dita carta que me foi lida nesta vila de Rouen. Salvo duas ou três palavras que estão na cópia e não estão na carta. Assim é dito na cópia «rendam-se à Donzela», é preciso meter «rendam-se ao Rei». Há também estas palavras «corpos por corpos» e «chefe de guerra», que não estavam na minha carta.

Interrogador: Conte o que tem a ver com o encontro com o seu pretendido rei.

J: Cheguei sem impedimentos ao pé do meu rei. Estando na aldeia de Sainte-Catherine de Fierbois, enviei mensagem ao castelo de Chinon, onde estava o rei. Fui ao meio-dia e alojei-me numa hospedaria. Depois do almoço, fui ter com o rei que estava no castelo.

Interrogador: Quem vos indicou o rei?

J: Quando entrei na sala do rei, reconheci-o no meio dos outros, por conselho e revelação da minha voz, e disse-lhe que queria ir fazer a guerra ao Ingleses.

Interrogador: Quando a voz vos designou o rei, havia alguma luz?

J: Passe a outra.

Interrogador: Havia algum anjo por cima do seu rei?

J: Poupe-me; passe a outra.

Interrogador: Então responda.

J: Mais de uma vez, antes do meu rei me meter em obra, houve revelações e belas aparições.

Interrogador: Que revelações e aparições teve o vosso rei?

J: Não sou eu que lho direi. Não terá ainda a resposta. Envie para o rei e ele lhe dirá.

Interrogador: Contava ser recebida pelo rei?

J: A voz tinha-me dito que o rei me iria receber o mais cedo possível depois da minha vinda. Os do meu grupo reconheceram bem que esta voz me tinha sido enviada da parte de Deus; eles viram e reconheceram (a voz), eu sei.

Interrogador: De quem está a falar?

J: O meu rei e outros, viram e ouviram a vozes que vinham a mim. Aí estava Charles de Bourbon com mais dois ou três outros.

Interrogador: Ouvia muitas vezes a voz?

J: Não há dia que não a oiça, e assim bem precisei.

Interrogador: Que lhe pedia você?

J: Nunca lhe pedi outro prémio final que não fosse a salvação da minha alma.

Interrogador: A voz encorajava-a a seguir a armada?

J: A voz disse-me que persistisse em Saint-Denis na França. Eu queria aí ficar, mas contra a minha vontade os (senhores, nobres ou fidalgos) levaram-me. Se eu não tivesse sido ferida não teria sido retirada.

Interrogador: Onde foi ferida?

J: Foi nas valas de Paris, quando vim de Saint-Denis, que fui ferida. Em cinco dias curei-me.

Interrogador: Que empreendeu contra Paris?

J: Fiz uma demonstração – em francês uma escaramuça – diante da vila de Paris.

Interrogador: Era dia de festa?

J: Eu creio bem que sim.

Interrogador: E era bem de fazer um ataque em dia de festa?

J: Passe a outra.

3º interrogatório público

Sábado, 24 de Fevereiro 1431 na mesma Sala (62 assessores)

Bispo Cauchon (B): Jeanne, requeremos que diga absolutamente e simplesmente a verdade, sem reservas nem condições. (Repetido três vezes)

Jeanne (J): Dê-me autorização para falar.

B: Dou

J: Pela minha fé, pode me perguntar algumas coisas e que eu não direi, como por exemplo no que toca às minhas revelações. Porque pode me levar a revelar coisas que eu jurei guardar em segredo. Eu digo-lhe: tenha cautela você que diz ser meu juiz, porque você apanha uma grande carga em me carregando muito.

B: Jure dizer a verdade.

J: Parece-me ser suficiente já ter jurado duas vezes em julgamento.

B: Quer ou não jurar simplesmente e absolutamente?

J: Pode bem passar por cima disso. Já jurei duas vezes.

B: Será seguramente condenada.

J: Toda a clerezia (*de clero*) de Rouen e de Paris não saberia me condenar sem direito.

B: Diga toda a verdade.

J: Sobre a minha vinda, direi a verdade, mas não tudo; e oito dias não chegariam para tudo dizer.

B: Peça a opinião dos assistentes para saber se deve jurar ou não.

J: Sobre a minha vinda a França, direi voluntariamente a verdade, mas fora disso nada.

B: Recusando-se de jurar dizer a verdade, torna-se suspeita.

J: Repito o que já disse.

B: De novo requeiro que jure

J: Direi voluntariamente o que sei, mas ainda não tudo. Eu vim da parte de Deus e não tenho nada a fazer aqui. Peço-vos que me reenvie a Deus de quem eu venho.

B: Jeanne, requeiro e aviso que jure, sob pena de ser acusada do que nós vos impomos.

J: Passe a outra.

B: Uma última vez requeiro que jure e aviso que é preciso que diga a verdade sobre o que toca a este processo, porque a sua recusa expõe-a a um grande risco.

J: Estou pronta a jurar dizer o que sei no que toca ao processo.

B: Jure então.

J: Eu juro.

B: Jeanne, mestre Jean Beaupère, doutor notável, vai interrogá-la.

Interrogador (Int): Jeanne, quando foi a última vez que comeu e bebeu?

J: Desde ontem meio dia que não como. (*Era tempo de Quaresma*)

Int: Desde quando não ouve a voz que vem a você?

J: Ouvi-a ontem e hoje.

Int: A que horas, ontem, a ouviu?

J: Ontem, ouvi-a três vezes: uma vez de manhã, uma vez à tarde e uma terceira vez ao toque da Ave-Maria da noite. Acontece-me de a ouvir ainda mais vezes.

Int : Que fazia ontem de manhã quando veio a voz?

J: Dormia e ela acordou-me.

Int: Ela acordou-a tocando-lhe nos braços?

J: Ela acordou-me sem me tocar.

Int: A voz estava no seu quarto?

J: Não, que eu saiba, mas ela estava no castelo.

Int: Agradeceu-lhe? Ajoelhou-se?

J: Agradeçi-lhe em me levantando e me sentando na cama, as mãos juntas. Tinha pedido a sua assistência.

Int: Que lhe disse ela?

J: Ela disse-me para responder ousadamente.

Int: Que lhe disse a voz quando foi acordada?

J: Eu pedi conselho à voz sobre o que eu deveria responder, pedindo-lhe que pedisse conselho lá encima a Nosso Senhor. A voz disse-me «responde ousadamente, Deus ajudar-te-á».

Int: A voz disse-lhe algumas palavras antes de ser invocada?

J: A voz disse-me algumas palavras, mas não compreendi tudo. O que sei bem, é que depois do meu acordar, ela disse-me para responder ousadamente. [E dirigindo-se a Cauchon]: Você, Bispo, diz que é meu juiz, cuidado com o que faz, porque em verdade sou enviada da parte de Deus e você se mete em grande perigo.

Int: A voz teve opiniões diferentes?

J: Nunca lhe encontrei duas linguagens contrárias. Esta noite, ouvi-a dizer para responder ousadamente.

Int: A voz proibiu-a de tudo dizer?

J: Não responderei a isso. Tenho revelações sobre o rei que não vos direi nada.

Int: A voz proibiu-a de dizer as revelações?

J: Não fui aconselhada sobre isso. Dê-me um prazo de quinze dias, e eu responderei.

Int: Responda já.

J: Peço-lhe um prazo. Se a voz me proibir, o que quer que eu diga?

Int: A voz fez-lhe alguma proibição?

J: Acredite que não foram os homens, que mo proibiram.

Int: Não quer então responder?

J: Hoje não responderei. Tenho que esperar, para decidir, até que isso me seja revelado.

Int: As vozes vêm de Deus?

J: Sim, e por sua ordem. Eu o creio firmemente, como creio na fé Cristã e que Deus nos resgatou das penas do inferno.

Int: A voz que você diz lhe aparecer, é um anjo, o próprio Deus, ou um santo ou uma santa?

J: Estas vozes vêm da parte de Deus.

Int: Explique-se.

J: Creio que não vos digo plenamente o que sei. Tenho grande receio de falhar dizendo alguma coisa que desagrade a estas vozes, que não tenho preocupação de responder a vocês. Quanto à sua questão sobre a minha voz, peço um prazo.

Int: Acha que desagrada a Deus que digamos a verdade?

J: As vozes disseram-me para revelar algumas coisas ao rei e não a vocês. Esta noite mesmo, a voz disse-me muitas coisas para o bem do meu rei que eu queria desde já contar com ele, de não beber vinho até à Páscoa. Ele seria mais feliz no seu jantar.

Int : Você faz tanto e não pode fazer que a voz, obedecendo-lhe, vá levar ao rei a mensagem?

J: Não sei se a voz o iria consentir, a não ser que seja a vontade de Deus e que Deus o permita. E se for de vontade de Deus, ele poderá fazer revelar ao rei, e eu ficaria bem contente.

Int: Porque a voz não fala agora ao rei, como fazia quando você estava presente?

J: Não sei se é da vontade de Deus. Não fosse a graça de Deus, eu não saberia como agir.

Int: O seu conselheiro revelou-lhe se você se escaparia da prisão?

J: Não tenho o que lhe dizer.

Int: Esta noite a voz deu-lhe conselho e opinião sobre o que deveria responder?

J: Se ela me deu opinião sobre isso, não percebi bem.

Int: Nos últimos dois dias quando você ouviu a voz, veio alguma luz ao mesmo sítio?

J: A claridade vem em nome da voz.

Int: Com as vozes vê outra coisa?

J: Não vos direi tudo. Não tenho autorização. O meu juramento não toca nisto. A voz é boa e digna. Não sou obrigada a vos responder sobre isto. De resto, dê-me por escrito os pontos sobre os quais eu não respondo actualmente.

Int: A voz a quem você pede conselho tem uma cara e olhos?

J: Não terá ainda isso de mim. É um provérbio de crianças que as pessoas são penduradas algumas vezes por dizerem a verdade.

Int: Sabe estar na graça de Deus?

J: Se não estou, Deus me meta; e se estou, Deus me mantenha. Eu seria a mais dolente (magoada, lamentosa) do mundo se soubesse não estar na graça de Deus. Mas se eu estivesse em estado de pecado, acho que a voz não viria a mim. Gostaria de cada um a ouvisse tão bem quanto eu ouço.

Int: Quando a ouviu pela primeira vez?

J: Penso que tinha treze anos ou mais ou menos, quando a voz veio a mim pela primeira vez.

Int: Na sua juventude, ia divertir-se para os campos com outras raparigas?

J: Fui algumas vezes, mas não sei com que idade.

Int: As pessoas de Domremy eram pelo partido bourguignon ou pelo partido adverso?

J: Só conheci um Bourguignon. Teria querido que lhe cortassem a cabeça, se isso fosse do gosto de Deus.

Int: Na aldeia de Maxey (hoje Maxey-sur-Meuse, ao pé de Domremy) eram Bourguignons ou adversários dos Bourguignons?

J: Eram Bourguignons.

Int: A voz disse-lhe, quando era jovem, para odiar os Bourguignons?

J: Desde que compreendi que as vozes estavam com o rei de França, que não gosto dos Bourguignons. Os Bourguignons terão a guerra se não fizerem o que devem, sei-o pela minha voz.

Int: Na sua juventude, teve revelação pela sua voz de que os ingleses viriam a França?

J: Os ingleses já estavam em França quando as vozes começaram a visitar-me.

Int: Nunca foi com as crianças que se batiam pelo partido onde você está?

J: Não tenho lembrança. Mas vi vários de Domremy que se batiam com os de Maxey voltarem feridos e sangrando.

Int: Teve, na sua infância, grande intenção de combater os Bourguignons?

J: Tinha grande vontade e afeição que o meu rei recuperasse o seu reino.

Int: Teria querido ser homem, quando teve que vir para França?

J: Já respondi a isso.

Int: Não levava os animais a pastar ao campo?

J: Já respondi a isso. Desde mais crescida e com a idade da descrição que não guardava os animais em comunidade, mas ajudava a levá-los ao prado, assim como a um castelo chamado l'Île, por receio dos homens armados. Em mais pequena, não me lembro se os pastava ou não.

Int: Não tem lembranças duma certa árvore que existia perto da vossa aldeia?

J: Perto de Domremy havia uma árvore chamada "A árvore das damas"; outros chamavam-lhe "A árvore das fadas". Perto está uma fonte. Ouvi dizer que os febris bebiam água desta fonte e iam buscar água para recuperar a saúde. Vi-o eu mesma, mas não sei se eles se curavam ou não.

Int: Não sabe mais nada?

J: Ouvi dizer que os doentes uma vez restabelecidos, vão a esta árvore para se divertirem. Há uma grande árvore chamada "le Fou" (o doido), donde vem o belo maio. Ela pertencia, segundo dizem, ao monsenhor Pierre de Bourlemont, cavaleiro.

Int: Você ia muitas vezes a essa árvore?

J: Ia às vezes com outras moças divertir-me ao pé da árvore e aí fazia grinaldas para a imagem de Nossa Senhora de Domremy. Algumas vezes ouvir dizer, dos antigos, - não esses da minha linhagem - que as fadas a frequentavam. Ouvi mesmo dizer a uma das minhas madrinhas, nomeada Jeanne, mulher do autarca Rubery, que ela mesmo tinha visto lá fadas. Ignoro se é verdade ou não. Eu, nunca vi fadas perto dessa árvore, que eu saiba. Se as vi noutro lugar, não sei se as vi ou não.

Int: Não punha você grinaldas nessa árvore?

J: Vi moças meterem grinaldas nos ramos dessa árvore. Eu mesma pus com as outras. Tanto as trazíamos como as deixávamos lá.

Int: Juntava-se às brincadeiras das suas companhias?

J: Desde o momento que eu soube que devia partir para França, retirei-me e dava aos jogos e passeios o menos que podia. Nem sei mesmo, se depois da idade da razão, eu dancei ao pé da árvore. Pude bem dançar com as outras crianças, mas cantei mais com que dancei.

Int: Não há também uma floresta perto de Domremy?

J: Há uma floresta que chamamos le Bois-Chênu, que vemos da porta do meu pai. Fica a menos duma meia légua.

Int: Essa floresta é frequentada pelas fadas?

J: Não sei e nunca ouvi dizer que fosse frequentado pelas fadas. Mas ouvi dizer pelo meu irmão que diziam no país: «Jeannette apanhou o seu feito (caso, facto) junto da árvore das Fadas», e isso não é nada e eu disse-lhe.

Int: Não a olharam como a enviada do Bois-Chênu?

J: Quando vim ter com o meu rei, alguns me perguntavam se, no meu país não havia alguma árvore chamada Boi-Chênu, porque havia profecias que diziam que dos arredores dessa floresta deveria vir uma donzela que faria maravilhas. Mas a isso eu não dava crédito.

Int : Jeanne, quer roupa de mulher ?

J: Dê-me uma, que eu pego e parto. Doutra maneira não. Estou contente desta, porque agrada a Deus que eu a vista.

.....

4º interrogatório público

27 de Fevereiro 1431 (53 assessores)

Bispo Cauchon: Jeanne, requeremos que jure dizer a verdade sobre os factos do processo.

J: De boa vontade juro dizer a verdade sobre o processo, mas não sobre o que eu sei.

Cauchon: Requeremos que diga a verdade sobre tudo o que lhe for perguntado.

J: Deve se contentar. Já jurei o bastante.

Cauchon : Mestre Jean Beaupère interroga-a.

Int : Como se portou desde sábado passado?

J: Você vê bem como me portei. Portei-me o melhor que pude.

Int: Jejua cada dia desta Quaresma?

J: Isso é do processo?

Int: Sim

J: Sim realmente. Pois bem, jejei todos os dias desta Quaresma.

Int: Desde sábado ouviu a voz?

J: Sim e muitas vezes.

Int: No sábado, durante a audiência, ouviu-a?

J: Isso não é do seu processo.

Int: É do processo. Responda então.

J: Ouvia-a.

Int : Que lhe disse ela, este sábado?

J: Não a ouvia bem, nem nada que pudesse lhe dizer, até ao regresso ao meu quarto.

Int: Que lhe disse a voz quando você voltou?

J: Disse-me para lhe responder ousadamente.

Int: A que propósito ela lhe disse?

J: Pedi conselho à minha voz sobre as questões que você me fez.

Int: A voz disse-lhe para esconder alguma coisa?

J: Responderei de boa vontade sobre o que Deus me permita revelar. No que toca às revelações sobre o rei de França, não direi sem autorização da minha voz.

Int: A voz proibiu-a de tudo dizer?

J: Não a compreendi bem.

Int: Que vos disse a voz em último lugar?

J: Pedi-lhe conselho relativamente a alguns pontos sobre os quais fui interrogada.

Int: E a voz aconselhou-a sobre esses pontos?

J: Sobre alguns pontos tive conselho. Sobre outros bem me pode pedir resposta que eu não o farei sem autorização da minha voz. Se respondesse sem autorização, talvez não tivesse mais as minhas vozes. Mas quando tiver autorização de Deus, não temerei falar.

Int: É a voz dum anjo que vos falava ? ou bem a de um santo ou santa, ou a voz de Deus directamente?

J: Era a voz de santa Catherine e de santa Marguerite. Sobre isto, tenho licença de Nosso Senhor. Se duvida, mande mensageiro a Poitiers onde outrora fui interrogada.

Int: Como sabe que são essas duas santas? Distingue-as bem uma da outra?

J: Sei bem que são elas. Distingo bem uma da outra.

Int: Como assim?

J: Pela saudação que elas me fazem.

Int: Há muito tempo que elas comunicam consigo?

J: Há bem sete anos passados que elas me puseram sob sua guarda.

Int: Como as reconhece?

J: Elas denominam-se a mim.

Int: Essas santas estão vestidas da mesma forma?

J: Não vos direi nada agora. Não tenho autorização para revelar. Se não me acredita, vá a Poitiers.

Int : Não nos esconda nada.

J: Estas coisas pertencem ao rei de França, e não a vocês.

Int: Essas santas são da mesma idade?

J: Não tenho autorização para vos dizer.

Int: Essas santas falam à vez ou uma depois da outra?

J: Não tenho autorização para vos dizer. No entanto tive sempre conselho das duas.

Int: Qual das duas vos apareceu em primeiro?

J: Não as conheci logo de seguida. Soube outrora mas esqueci. Se tiver autorização, direi-vos de boa vontade. Aliás, está marcado no registo de Poitiers.

Int : Não foi só as santas que lhe apareceram ?

J: Recebi também conforto de saint Michel.

Int: Qual das aparições veio em primeiro?

J: Foi saint Michel.

Int: Há muito tempo que teve a voz de saint Michel ?

J: Não vos falei da voz de saint Michel; mas sim do grande conforto vindo dele.

Int: Qual foi a primeira voz que veio a si quando tinha mais ou menos treze anos?

J: Foi saint Michel. Eu o vi diante dos meus olhos e ele não estava sozinho, mas bem acompanhado de anjos do céu.

Int: Foi de si mesmo a sua vinda para França?

J: Só vim para França por ordem de Deus.

Int: Viu saint Michel e os anjos em corpo e em realidade?

J: Vi-os com os olhos do meu corpo tão bem como o vejo a si. Quando ele se foram, chorei, e teria bem querido que eles me levassem com eles.

Int: Em que figura estava saint Michel?

J: Não há resposta sobre isso. Não tenho ainda autorização para vos dizer.

Int: Que vos disse saint Michel nessa primeira vez?

J: Não terá resposta hoje.

Int: A suas vozes disseram-lhe o que disse saint Michel?

J: Elas disseram-me para responder ousadamente.

Int: Porquê dizer ao seu rei o que você nos esconde?

J: Eu disse ao meu rei, de uma vez, tudo o que me tinha sido revelado, porque eu ia a ele. Mas, agora, não tenho autorização de vos revelar o que saint Michel me disse. Gostaria que vocês que me interrogam tivessem cópia do livro que está em Poitiers, visto que ele agrada a Deus.

Int: As suas vozes proibiram-na de dizer as revelações sem autorização delas?

J: Não vos respondo ainda sobre isso. Sobre o que tiver autorização responderei de boa vontade. Não compreendi bem se as minhas vozes mo proibiram.

Int: Que sinal dá você que teve estas revelações da parte de Deus e que são bem santa Catherine e santa Marguerite que conversam consigo?

J: Já vos disse bastante vezes que são elas. E acredite em mim se quiser.

Int: É-lhe proibido dizer?

J: Não compreendi bem se isso me é permitido ou não.

Int: Como sabe você fazer a distinção que sobre tais pontos pode responder e sobre outros não?

J: Sobre alguns pontos pedi autorização, sobre outros tenho-a.

Int: Tem autorização de Deus para vir em França?

J: Teria gostado mais de ser puxada por quatro cavalos do que vir a França sem autorização de Deus.

Int: Deus prescreveu-lhe que vestisse roupa de homem?

J: O feito (proeza) da roupa é pouca coisa e das menores. Não peguei essa roupa por conselho de nenhum homem que esteja no mundo. Não peguei essa roupa e nem fiz o que fosse, que não fosse comandado por Deus e pelos anjos.

Int: Esse mandamento a si feito, de pegar em roupa de homem é lícito?

J: Tudo o que fiz foi por mandamento de Nosso Senhor. Se ele me mandasse pegar uma outra roupa, pegava, porque seria pelo mandamento de Deus.

Int: Não vestiu essa roupa por ordem de Robert de Baudricourt?

J: Não.

Int: Pensa que fez bem em vestir roupa de homem?

J: Tudo o que fiz por mandamento de Nosso Senhor, penso tê-lo feito bem.

Int: Nesse caso particular, em vestindo roupa de homem, pensa que fez bem?

J: Não fiz nada no mundo que não por mandamento de Deus.

Int: Quando viu a voz havia luz?

J: Havia muita luz de todos os lados.

Int: Havia algum anjo sobre a cabeça do seu rei, quando o viu pela primeira vez?

J: Pela Nossa Senhora, se ele estava, não sei de nada, não o vi.

Int: Havia luz?

J: Havia mais de trezentos homens de armas e cinquenta archotes ou tochas, sem contar com a luz espiritual. Raramente tive revelações onde não houvesse luz.

Int: De que modo o vosso rei acreditou nos seus dizeres?

J: Ele tinha bons sinais e pelo seu clero.

Int: Que revelações teve o seu rei?

J: Não terá isso ainda de mim este ano. Durante três semanas fui interrogada pelos clérigos em Chinon e Poitiers. O meu rei teve um sinal, no que toca aos meus feitos, antes de acreditar neles. Os clérigos do meu partido foram da opinião que só havia o bem no meu feito.

Int: Esteve em Sainte-Catherine-de-Fierbois?

J: Sim, e aí ouvi três missas num dia. De seguida fui para Chinon.

Int : De que forma entrou você em comunicação com o rei?

J: (estando ainda em Sainte-Catherine-de-Fierbois) Enviava cartas ao rei para saber se eu entraria na vila onde ele estava. Disse-lhe que tinha feito cento e cinquenta léguas para vir ter com ele. Parece-me mesmo que estava nessas cartas que eu saberia reconhecê-lo entre os outros.

Int: Você tinha uma espada?

J: Tinha uma espada que tinha pegado em Vaucouleurs.

Int: Não tinha você uma outra espada?

J: Estando em Tours ou em Chinon, mandei buscar uma espada que estava na igreja de Sainte-Catherine-de-Fierbois, por detrás do altar. Essa espada foi logo achada, toda ferrugenta.

Int: Como sabia que essa espada estava lá?

J: Soube-o pelas minhas vozes. Havia em cima cinco cruzes. Ninguém viu o homem que ia buscá-la. Escrevi às pessoas da Igreja do sítio, de terem o prazer de me enviarem essa espada, e os clérigos mandaram-na. Ela estava enterrada detrás do altar, parece-me. De facto, eu não sei se ela estava em frente do altar ou por detrás. Penso ter escrito que ela estava atrás. Logo que acharam esta arma, os clérigos do sítio a esfregaram. A ferrugem caiu logo sem esforço. Foi um comerciante de armas de Tours que foi buscá-la. Os clérigos do sítio deram-me uma bainha, os de Tours também. As duas bainhas que eles me deram eram de veludo vermelho e a outra de pano preto. Mandei fazer uma outra de cabedal bem forte.

Int: Tinha a espada de Fierbois quando você foi apanhada?

J: Quando fui apanhada não a tinha. Usava-a constantemente desde que a tive até à minha partida de Saint-Denis, depois do assalto a Paris.

Int: Que bênção fez ou mandou fazer nessa espada?

J: Não a abençoei nem mandei abençoar. Nem saberia fazê-lo.

Int: Era muito agarrada a essa espada?

J: Gostava muito dela porque ela tinha sido achada na igreja de Sainte-Catherine de quem eu gostava muito.

Int: Esteve em Coulange-la-Vineuse?

J : Não sei.

Int : Alguma vez posou a espada sobre o altar para a tornar mais afortunada ?

J: Não que eu saiba.

Int: Nunca fez orações para que a sua espada fosse mais afortunada?

J: É bom de saber que teria querido ver todo o meu arnês bem afortunado.

Int: Tinha a sua espada quando foi apanhada?

J: Não, tinha uma que tinha sido apanhada a um Bourguignon.

Int: Onde ficou a espada de Fierbois? Em que aldeia?

J: Em Saint-Denis ofereci uma espada e armas, mas não era essa.

Int: Tinha você essa espada em Lagny?

J: Tinha-a em Lagny. De Lagny a Compiègne levava a espada do Bourguignon. Era uma boa espada de guerra.

Int : Onde deixou a espada de Fierbois ?

J: Dizer onde a deixei não toca em nada do processo e não responderei nada acerca disto por agora.

Int: Em que mãos estão os seus haveres?

J: Os meus irmãos têm os meus bens, cavalos, espada e o resto, penso eu, num valor de mais de doze mil écus.

Int: Quando foi a Orléans, tinha consigo um estandarte ou bandeira e de que cor?

J: Tinha uma bandeira semeada de lis. Havia a figura do mundo e dois anjos ao seu lado. Era de tela branca, dessa que chamamos de pano de entretelas. Havia escrito: Jhesus Maria, parece-me, e ela estava franjada de seda.

Int: Os nomes Jhesus Maria estava escritos no alto, em baixo ou de lado?

J: De lado, parece-me.

Int: Que gostava mais, da sua bandeira ou da espada?

J: Gostava quarenta vezes mais da minha bandeira que da minha espada.

Int: A quem mandou fazer essa pintura sobre a bandeira?

J: Já vos disse bastante e não fiz nada sem ser do mandamento de Deus.

Int: Quem levava a sua bandeira?

J: Eu mesma levava a dita bandeira quando carregava sobre os inimigos, para evitar de matar alguém. Nunca matei um homem.

Int: Que companhia vos deu o rei quando ele a pôs em obra?

J: Deu-me dez ou doze mil homens. E em primeiro fui a Orléans, à Bastilha de Saint-Loup e depois à Bastilha do Pont.

Int: Em que Bastilha foi que você fez retirar os seus homens?

J: Não me lembro.

Int: Esperava levantar o cerco de Orléans?

J: Estava bem certa de fazer levantar o cerco de Orléans, porque tive uma revelação, e tinha dito ao meu rei antes de ir.

Int: No momento do assalto, não disse à sua gente que receberia sozinha as flechas, pedras lançadas pelos canhões e máquinas?

J: Não; em prova disso houve mais de cem feridos; mas disse há minha gente: não duvidem, levantarão o cerco.

Int: Foi ferida?

J: No assalto à bastilha do Pont, fui ferida no pescoço por uma flecha. Mas tive grande conforto de santa Catherine e curei-me em quinze dias. Aliás, nem deixei de cavalgar ou de trabalhar.

Int: Sabia que seria ferida?

J: Eu sabia e tinha dito ao meu rei; mas que não obstante isso, ele me deixasse agir. Isso foi-me revelado pelas vozes das duas santas, a saber santa Catherine e santa Marguerite.

Int: Em que momento foi ferida?

J: Fui eu a primeira a içar uma escada à Bastilha do Pont, foi ao levar a escada que fui ferida no pescoço por essa flecha.

Int: Porque não admitiu negociar com o capitão de Gergeau?

J: Os senhores do meu partido responderam ao ingleses que eles não teriam o prazo de quinze dias pedido por eles, mas que se retirassem na hora, eles e os seus cavalos.

Int: E você, que disse?

J: Eu, disse que ele se retirassem de Gergeau com a sua pequena armadura, a vida salva, se queriam, senão eles seriam tomados de assalto.

Int: Comunicou com a sua voz sobre esse prazo?

J: Não me lembro.

.....

5º interrogatório público

Quinta-feira, 1 de Março 1431 (58 assessores)

Bispo Cauchon: Jeanne, requeremos que preste simplesmente e absolutamente juramento de dizer a verdade sobre o que vos será perguntado.

J: Estou pronta a jurar dizer a verdade sobre tudo o que eu souber tocante ao processo, assim como já vos disse anteriormente.

Cauchon: Porquê essa reserva?

J: Sei muitas coisas que não têm a ver com o processo e não é necessário dizer-lhe.

Cauchon: Vá lá, sem esta reserva.

J: De tudo o que sei verdadeiramente e que toca ao processo, dir-lhe-ei de boa vontade.

Cauchon: Requeremos que jure sem esta reserva.

J: O que souber de verdade no que toca ao processo, direi.

Cauchon: Jure sobre o Evangelho.

J: Do que sei que diga respeito ao processo, direi de boa vontade a verdade. Dir-lhe-ei tanto como se eu estivesse em frente ao papa de Roma.

Int: Que diz sobre o senhor papa e quem crê você ser o verdadeiro papa?

J: Há então dois?

Int: Não recebeu uma carta do conde de Armagnac perguntando-lhe a qual dos três papas ele devia obedecer?

J: O conde escreveu-me sobre isso. Respondi entre outras coisas que quando eu estivesse em Paris ou algures, em repouso, lhe escreveria. Eu estava montando a cavalo quando respondi assim ao conde.

Int: Aqui está uma cópia da carta do conde e da vossa resposta. Vamos ler-lhe uma e outra.

CARTA DO CONDE D'ARMAGNAC

«Minha cara senhora, dirijo-me humildemente a si, e suplico-lhe, por Deus, que, atendendo à divisão que está actualmente na santa Igreja universal, sobre o caso dos papas – porque há três pretendentes, um em Roma e que se faz chamar Martin, ao qual todos os reis cristãos obedecem; um segundo em Paniscole, no reino do Valence, e que se faz chamar papa Clément VII; o terceiro, não sabemos onde mora, a não ser o cardinal de Saint-Etienne, e poucas pessoas com ele, e se faz chamar Benoît XIV.

«O primeiro que se diz papa Martin foi eleito em Constance com consentimento de todas as nações cristãs; o que se faz chamar Clément foi eleito em Paniscole, depois da morte do papa Benoît XIII, por três dos seus cardinais; o terceiro, que se nomeia de Benoît XIV, foi eleito secretamente pelo cardinal de Saint-Etienne. Queira suplicar a Nosso Senhor Jesus Cristo que, por sua misericórdia infinita, ele nos queira, através de si, declarar quem dos três supracitados o verdadeiro papa, e a qual lhe agradará que nós obedeçamos daqui para a frente, ou a esse que se diz Martin, ou a esse que se diz Clément, ou a esse que se diz Benoît.

Estaremos todos prontos a fazer a vontade e desejo de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Todo seu,

Le Comte D'Armagnac»

CARTA DE JEANNE AO CONDE D'ARMAGNAC (1)

JHESUS + MARIA

«Conde d'Armagnac, meu estimado amigo, eu, Jeanne la Pucelle (a Donzela), vos faço saber que a sua mensagem veio até mim, a qual me diz que você a enviou para saber através de mim a qual dos três papas por si mencionados você deve crer. Não posso vos informar de momento, até que eu esteja em Paris ou algures em repouso. Estou presentemente muito ocupada com a guerra. Mas, quando você souber que estou em Paris, envie uma mensagem para mim, e eu lhe farei saber de verdade a qual você deve crer, e o que eu souber pelo conselho do meu justo e soberano Senhor, o Rei de todo o mundo, e o que você terá que fazer, tem todo o meu apoio.

A Deus vos recomendo, Deus o guarde.

Escrito em Compiègne, o XXIIe dia de Agosto.»

- (1) Jeanne deveria ter dito: *ditado*. De facto, a concordância de todas as cópias deste carta não permitem d'imputar uma falsificação aos ingleses; foi o secretário de Jeanne que terá transcrito inexactamente as suas palavras.

Int: A cópia que acaba de lhe ser lida contém bem a sua resposta?

J: Posso ter feito esta resposta em parte, não o todo.

Int: Declarou você saber por conselho do Rei dos reis o que o dito conde deveria fazer nesta circunstância?

J: Não sei de nada.

Int: Duvidava a quem o conde deveria obedecer?

J: Eu não sabia o que dizer ao conde, porque ele requeria-me de lhe fazer saber a quem Deus queria que ele obedecesse. Quando a mim, creio que devemos obedecer a nosso senhor o papa que está em Roma.

Int: É tudo?

J: Disse ao mensageiro do conde outra coisa que não está na cópia das cartas. Se este enviado não se retirasse logo, ele seria jogado à água, não todavia por minha vontade.

Int: sobre o fundo da questão o que respondeu?

J: Sobre a questão da obediência, respondi que não sabia; mas mandei dizer-lhe várias coisas que não foram postas por escrito. Por mim, creio no senhor papa que está em Roma.

Int: Porque escreveu você que daria a resposta em outro momento se acredita no papa que está em Roma?

J: A minha resposta dizia respeito a outra coisa, que ao facto dos três soberanos pontífices.

Int: Não disse você que sobre os três pontífices teria conselho?

J: Em nome de Deus, eu nunca escrevi nem fiz escrever sobre os três pontífices.

Int: Tem você o hábito de pôr no topo das suas cartas Jhesus Maria com uma cruz?

J: Sobre algumas sim, sobre outras não. Às vezes punha uma cruz afim do meu correspondente não fazer o que lhe dizia.

Int: Eis agora alguns termos que você escreveu ao rei, ao duque de Bedford e a outros.

CARTA DE JEANNE

Jhesus Maria

Rei de Inglaterra, e você, duque de Bethfort que se diz regente do reino de France; você, Guillaume de la Poule, conde de Suffort; Jehan, sire de Tabelot; et você, Thomas, sire d'Escales, que se diz tenente do dito duque de Bethfort, dê razão ao Rei do céu; devolva à Donzela que é enviada da parte de Deus, o rei do céu, as chaves de todas as boas vilas que vocês tomaram e violaram em França. Ela veio da parte de Deus para reclamar o sangue real. Ela está pronta a fazer a paz se lhe derem razão, desde que entreguem a França, e paguem por tê-la ocupado.

Entre vocês, archeiros, companheiros de guerra, e outros que estão frente à vila d'Orléans, vão embora para o vosso país, por Deus. E se assim não o fizerem, esperem novidades da Donzela, que vos irá ver brevemente, para grandes prejuízos vossos.

Rei de Inglaterra, se assim não o fizer, eu sou chefe de guerra e em qualquer lugar que espere a sua gente em França, farei eles se irem embora, quer ele queiram ou não; e se eles não querem obedecer, eu os farei matar a todos.

Estou aqui enviada por Deus, o Rei do Céu, corpo por corpo, para vos pôr fora da França. E se eles quiserem obedecer, eu os pegarei com piedade. E não tenha outra opinião, porque você não segurará o reino da França de Deus, o Rei do Céu, filho da santa Maria; mas o segurará o Rei Charles, verdadeiro herdeiro; porque Deus, o Rei do Céu assim o quer, e isto lhe é revelado pela Donzela, e ele entrará em Paris em boa companhia.

Se não querem acreditar nas novidades, da parte de Deus e da Donzela, em qualquer lugar que vocês estejam, nós entraremos dentro e faremos um tão grande "hahay" que há bem mil anos que em França não se fez um tão grande, se não me fizer razão. E acredite firmemente que o Rei do Céu enviará ainda mais força à Donzela, mais que você não saberia lhe dar com todos os assaltos, a ela e à sua boa gente d'armas; e à pancada veremos quem terá melhor direito ao Deus do Céu.

Você, duque de Bedford, a Donzela vos roga e requer que não se faça mais destruir. Se lhe fizer razão, você poderá vir em sua companhia, onde os Franceses farão o mais belo feito que alguma vez alguém fez pela cristandade. Dê resposta que quer fazer a paz na cidade de Orléans; e se assim não o fizer, grandes prejuízos vão-lhe vir brevemente.

Escrito terça-feira, semana santa.

Da parte da Donzela»

Int: Reconhece esta carta?

J: Sim, salvo três palavras: em lugar de "devolva à Donzela" é "devolva ao rei". As palavras "chefe de guerra" e "corpo por corpo" não estavam na carta que enviei.

Int: Não foi um fidalgo (ou nobre) que lhe ditou esta carta?

J: Nenhum fidalgo (ou nobre) me ditou esta carta, fui eu que a ditei. Antes de a enviar, é verdade que a mostrei a alguns do meu partido.

Int: Acha que vai chegar o mal ao ingleses?

J: Antes que seja sete anos os ingleses perderão uma grande prova que não ficarão em Orléans. Eles perderão toda a França, e isso pela vitória que Deus enviará aos Franceses.

Int: Como sabe disso?

J: Sei-o por revelação, isso acontecerá antes de sete anos, e estou bem aflita por isto ter sido tão adiado.

Int: Você não pode saber uma tal coisa.

J: Sei-o por revelação, assim como o (*ele o interrogador*) sei aqui na minha frente.

Int: Quando acontecerá?

J: Não sei o dia, nem a hora.

Int: Em que ano?

J: Não o saberá ainda; mas eu gostaria que fosse antes da Saint-Jean.

Int: Não disse você que aconteceria antes da Saint-Martin d'inverno?

J: Disse que antes da Saint-Martin d'inverno, veríamos coisas; e poderá bem ser que se veja os ingleses deitados abaixo.

Int: Que disse você a John Grey, o seu guarda, sobre a Saint-Martin?

J: Já lhe disse.

Int : Por quem sabe que isso vai acontecer ?

J: Por santa Catherine e santa Marguerite.

Int: são Gabriel estava com são Michel quando ele veio a si?

J: Não me lembro.

Int: Desde terça-feira passada conversou com santa Catherine e santa Marguerite?

J: Sim, mas não sei a hora.

Int: Que dia?

J: Ontem e hoje. Não há dia que não as oiça.

Int: Vê-as sempre com a mesma roupa?

J: Vejo-as sempre na mesma forma; e as suas cabeças estão coroadas muito ricamente.

Int: E o resto da roupa? Os vestidos?

J: Não sei.

Int: Como sabe se o que lhe aparece é homem ou mulher?

J: Eu sei-o bem. Reconheço-as pelas vozes e porque elas mo revelaram. Não sei nada que não seja por revelação e por ordem de Deus.

Int: Que figura vê?

J: A face.

Int: Têm elas cabelo?

J: É bom de saber que elas têm.

Int: Há alguma coisa entre as suas coroas e os seus cabelos?

J: Não.

Int: Os cabelos são compridos e soltos?

J: Não sei.

Int: Têm braços?

J: Não sei se têm braços ou outros membros.

Int: Elas falam-lhe?

J: A linguagem delas é boa e bela, oiço-as muito bem.

Int: Como falam elas, se não têm membros?

J: Refiro-me a Deus.

Int: Que espécie de voz é?

J: Esta voz é bela e doce e humilde, e fala francês.

Int: santa Marguerite não fala então inglês?

J: Como falaria ela inglês, se ela não é do partido dos ingleses?

Int: Sobre as suas cabeças coroadas, como disse, as suas santas têm anéis nas orelhas?

J: Não sei de nada.

Int: E você tem anéis?

J: (dirigindo-se a bispo Cauchon): Você, bispo, tem um meu, devolva-mo.

Int: Não tem você outros anéis?

J: Os Bourguignons têm outro meu. Mas você, bispo, mostre-me o dito anel, se o tem.

Int: Quem lhe deu o anel que os Bourguignons têm?

J: O meu pai ou a minha mãe.

Int: Havia algum nome nele?

J: Parece-me que os nomes Jhesus Maria estavam escritos. Mas não sei quem o mandou escrever. Acho que não havia pedra neste anel que me foi dado em Domrémy.

Int: Quem lhe deu o outro anel?

J: O meu irmão mo deu. Você o tem presentemente. Encarrego-o, bispo, de o dar à Igreja.

Int: Curou alguém com um ou outro dos anéis?

J: Nunca curei com nenhum dos meus anéis.

Int: santa Catherine e santa Marguerite não falaram consigo sob a árvore a que já se fez menção?

J: Não sei de nada.

Int: As santas já falaram consigo na fonte perto da árvore?

J: Sim ouvi-as aí, mas não me lembro do que me disseram.

Int: Que lhe prometeram elas lá ou algures?

J: Elas não me fizeram nenhuma promessa, senão por autorização de Deus.

Int: Que promessas lhe fizeram?

J: Não é do seu processo. Sobre algumas coisas disseram-me que o meu rei seria restabelecido no seu reino, o queiram ou não os seus adversários.

Int: Não lhe fizeram outras promessas?

J: Elas prometeram conduzirem-me ao paraíso e eu bem o pedi.

Int: Não tem outras promessas?

J: Sim, uma outra, mas não o direi. Não tem a ver com o processo.

Int: Diga na mesma.

J: Antes de três meses direi.

Int: As suas vozes disseram-lhe que antes de três meses você seria liberta da prisão?.

J: Isso não é do seu processo. Entretanto ignoro quando serei liberta. Esses que querem me suprimir deste mundo podem bem ir antes de mim.

Int: O seu conselho disse-lhe que seria liberta da prisão onde está presentemente?

J: Fale-me dentro de três meses e responderei.

Int: Responda já.

J: Pergunte aos assistentes, sob juramento, se isso tem a ver com o processo.

(Deliberação dos assistente que opinam todos que é do processo)

Int: Vê bem. Responda então.

J: Eu sempre lhes disse que não saberiam tudo. Será preciso que eu seja libertada um dia. Quero ter autorização para lhe dizer. Assim, peço um prazo.

Int: As vozes proibiram-na de dizer a verdade?

J: Quer que lhe diga o que concerne ao rei de França? Há muitas coisas que não são do processo.

Int: Mas que sabe você no que toca ao seu rei?

J: Sei que o meu rei ganhará o reino de França; sei-o tão bem como sei que você está aqui na minha frente, tomando parte deste tribunal. Eu estaria morta, se não fosse esta revelação que me conforta todo o dia.

Int: Que fez da sua mandrágora?

J: Não tenho, nem ninguém teve mandrágora. Ouvi dizer que havia uma perto da minha aldeia, mas nunca vi.

Int: Sabe então o que é?

J: Ouvi dizer que é uma coisa perigosa e má para se guardar. Não sei para que serve.

Int: Em que lugar está essa mandrágora de que ouviu falar?

J: Ouvi dizer que está em terra perto da árvore das fadas. Ignoro o lugar, ouvi também dizer que por cima desta mandrágora há uma aveleira.

Int: Ouvi dizer que esta mandrágora serve para quê?

J: Para atrair dinheiro, mas não acredito.

Int: As suas vozes falaram-lhe disso?

J: As minhas vozes nunca me disseram nada sobre isso.

Int: Que figura tinha Saint-Michel quando lhe apareceu.

J: Não vi coroa e de suas roupas não sei nada.

Int: Estava nu?

J: Pensa que Deus não tinha com que o vestir?

Int: Tinha ele cabelos?

J: Porque lhós teriam cortado?

Int: Há muito tempo que não vê saint Michel?

J: Nunca mais vi saint Michel desde que deixei o castelo em Crotoy (*por volta de 21 novembro 1430*). Não o vejo sempre bem.

Int: Ele tem cabelos?

J: Não sei.

Int: Ele tem uma balança?

J: Não sei.

Int: Que efeito produz vê-lo?

J: Tenho grande alegria quando o vejo, e parece-me que quando o vejo, não estou em pecado mortal.

Int: As suas vozes ordenam-lhe que se confesse?

J: Santa Catherine e Santa Marguerite me fazem confessar de boa vontade algumas vezes, tanto uma como a outra.

Int: Crê-se isenta de pecado mortal?

J: Se estou em pecado mortal é sem o saber.

Int: Quando se confessa, não se crê em pecado mortal?

J: Não sei se já estive em pecado mortal. Não creio ter feito por isso. A Deus não agrada que eu tenha estado em tal estado. A Deus não agrada que eu faça ou tenha feito coisas que carreguem a minha alma!

Int: Que sinal deu ao seu rei, que você veio da parte de Deus?

J: Sempre vos respondi que não me tirarão isso da boca. Vão lhe perguntar a ele.

Int: Jurou não revelar o que lhe será perguntado tocante ao processo?

J: Já lhe disse que não lhe direi nada sobre o que toca ao nosso rei. De tudo o que tem a ver com ele eu não falarei.

Int: Não sabe o sinal que você deu ao rei?

J: Você não o saberá por mim.

Int: Mas isso tem a ver com o processo.

J: Do que eu prometi manter em segredo não direi nada.

Int: Porquê?

J: Prometi-o num tal lugar que não poderei lhe dizer sem perjúrio.

Int: A quem prometeu?

J : À santa Catherine, à santa Marguerite, e isso foi mostrado ao rei.

Int: As santas pediram-lhe que fizesse esta promessa?

J: Fiz a minha promessa às duas santas sem que elas mo peçam, unicamente de mim mesmo. Muitas pessoas mo teriam perguntado se eu não tivesse feito esta promessa às minhas santas.

Int: Quando mostrou o sinal ao rei, havia alguém com ele?

J: Não penso que estivesse mais alguém, se bem que estivessem muitas pessoas perto.

Int: Viu uma coroa sobre a cabeça do rei quando lhe mostrou esse sinal?

J: Não o posso dizer sem perjúrio.

Int: O seu rei tinha uma coroa em Reims?

J: Meu rei, penso, recebeu com alegria a coroa que ele achou em Reims. Mas uma bem rica coroa lhe foi trazida de seguida. Ele não a esperou, para apressar o seu feito, a pedido das pessoas da vila de Reims, afim de evitar a carga dos homens de guerra. Se ele tivesse esperado, teria tido uma coroa mil vezes mais rica.

Int: Viu você essa coroa mais rica?

J: Não lhe posso dizer sem perjúrio, e se não a vi, sei por ouvir dizer a que ponto ela era rica e sumptuosa.

A audiência termina.

.....

6º interrogatório público

Sábado, 3 de Março 1431 (42 assessores)

Cauchon (C): Jeanne, requeremos que jure dizer a verdade sobre o que lhe será perguntado.

J: Assim como já o fiz, estou pronta a jurar.

C: Você disse que saint Michel tinha asas, e não falou do corpo e membros de santa Catherine e santa Marguerite. Que quer dizer?

J: Eu disse-lhe o que sei e não responderei outra coisa.

C: Você viu bem saint Michel e as santas ?

J: Vi saint Michel e as santas, tão bem que sei que eles são santo e santas no paraíso.

C: Viu outra coisa que a face?

J: Disse-lhe tudo o que sei.

Int: Diga-o ainda.

J: Dizer tudo o que sei, preferia que você me fizesse cortar o pescoço.

Int: Você deve dizer tudo.

J: Direi de boa vontade o que sei tocante ao processo.

Int: Crê que saint Michel e saint Gabriel têm cabeças naturais ?

J : Vi-os com os meus olhos, e acredito que são eles assim tão firmemente que Deus é.

Int: Acredita que Deus os formou da maneira e forma como você os vê?

J. Sim.

Int: Acredita que Deus os criou desde o princípio, desta maneira e desta forma?

J: Não terá mais nada presentemente, salvo o que respondi.

Int: Tem a revelação de que se vai escapar?

J: Isso não respeita ao seu processo. Quer que fale contra mim?

Int: As suas vozes não lhe disseram nada?

J: Isso não é do processo. Refiro-me ao processo. Se tudo lhe dissesse respeito, eu diria tudo.

Int: Quando pensa poder escapar ?

J: Por mim, não sei nem o dia nem a hora a que escaparei.

Int: As suas vozes disseram-lhe alguma coisa em geral?

J: Sim verdadeiramente. Elas disseram-me que eu seria deliberada; mas não sei nem o dia nem a hora, e que eu faça cara alegre.

Int: Quando chegou pela primeira vez perto do seu rei, ele não lhe perguntou se foi por revelação que você tinha mudado de roupa?

J: Já lhe respondi, não me lembro se isso me foi perguntado. Está escrito em Poitiers. *(esse livro de Poitiers nunca foi encontrado)*

Int: Não se lembra se os mestres que a examinaram numa outra audiência, alguns durante um mês, outros durante três semanas, lhe perguntaram sobre essa mudança de roupa?

J: Não me lembro. Eles perguntaram-me onde eu tinha pegado esta roupa de homem, e eu disse-lhes que tinha sido em Vaucouleurs.

Int: Os ditos mestres perguntaram-lhe se tinha sido por ordem das suas vozes que vestiu essa roupa de homem ?

J: Não me lembro.

Int: O seu rei, sua rainha e outros do seu partido pediram-lhe alguma vez que tirasse essa roupa de homem?

J: Isso não é do processo.

Int: No castelo de Beaurevoir, não lhe foi pedido?

J: Sim e respondi que não a tiraria sem autorização de Deus. (Digo-lhe também que a demoiselle de Luxembourg pediu ao senhor de Luxembourg que eu não fosse entregue aos ingleses).

Bispo (B): Não lhe ofereceram roupa de mulher em Beaurevoir?

J: A demoiselle de Luxembourg e a dama de Beaurevoir ofereceram-me roupa de mulher ou tecido para fazer, e pediram-me que a vestisse. Respondi que não tinha autorização de Nosso-Senhor, e que ainda não era tempo.

B: Jean de Pressy e outros em Arras não lhe ofereceram roupa de mulher?

J: Ele e outros mais, por várias vezes me pediram de vestir essa roupa.

B: Crê quê faria um pecado mortal ao vestir roupa de mulher?

J: Faço melhor d'obedecer e servir o meu soberano Senhor, a saber Deus. Se tivesse que o fazer, teria mais depressa feito a pedido dessas duas damas do que doutras damas que estejam em França, excepto a minha Rainha.

B: Quando Deus lhe revelou de mudar a sua roupa, foi pela voz de saint Michel, de santa Catherine ou de santa Marguerite?

J: Não terá outra coisa agora.

B: Quando o seu rei a pôs em obra e que você mandou fazer o seu estandarte, as pessoas d'armas e outras pessoas de guerra mandaram fazer também pendões à maneira do seu?

J: É bom de saber que os senhores mantêm as suas armas. Alguns companheiros de guerra mandaram fazer a seu prazer, e outros não.

B: De que maneira mandaram fazê-los? De tela ou de pano?

J: Eram de cetim branco, e havia em alguns a flor de lis. Só tinha na minha companhia duas ou três "lanças", mas os companheiros de guerra algumas vezes mandaram fazer semelhantes aos meus, e só faziam para conhecer os meus homens dos outros.

B: Os pendões eram frequentemente renovados?

J: Não sei. Quando as lanças se rompiam, fazíamos novos.

B: Não disse que os pendões que eram semelhantes aos seus eram alegres?

J: Dizia-lhes algumas vezes: entrem atrevidamente entre os ingleses! e eu mesma entrava.

Jacques de Touraine: Não esteve em lugares onde os ingleses foram mortos?

J: Em nome de Deus, sim! Como você fala suavemente! Que não partissem eles de França e se fossem para o seu país.

Bispo: Disse-lhes que os (os pendões) portassem atrevidamente e que eles teriam alegria?

J: Disse-lhe o que tinha acontecido e o que adviria ainda.

B: Metia e mandava meter água benta nos pendões, quando os pegavam novamente?

J: Não sei de nada. Se era feito, não era de minha ordem.

B: E não viu jogarem?

J: Isso não é do seu processo. Se vi jogarem, não estou autorizada agora de responder.

B: Os companheiros de guerra mandavam pôr nos seus pendões Jhesus Maria?

J: Pela minha fé, não sei de nada.

B: Andou à roda ou mandou andarem à roda com panos, em forma de procissão, à volta de um altar ou duma igreja, para fazer pendões?

J: Não, e nem vi fazer.

B: Quando foi a Jargeau, o que é que levava por detrás do seu capacete? Não havia qualquer coisa redonda?

J: Pela minha fé, não havia nada.

B: Conhece irmão Richard?

J: Só o vi em Troyes.

B: Que figura irmão Richard lhe fez?

J: Os da vila de Troyes, penso, enviaram-no a mim, dizendo que duvidavam que eu fosse coisa de Deus. Quando ele veio a mim, chegando, fazia o sinal da cruz e jogava água benta, e eu disse-lhe: Venha que eu não fujo.

B: Viu alguém fazer imagens ou pinturas suas e à sua semelhança?

J: Vi em Arras uma pintura na mão dum Escocês, e havia semelhança comigo toda armada; e eu entregava uma carta ao meu Rei, e estava ajoelhada d'um joelho. Não vi nem mandei fazer outra imagem ou pintura à minha semelhança.

B: Na sua hospedaria em Orléans, não havia um quadro, onde estavam três mulheres pintadas e escrito: Justiça, Paz, União?

J: Não sei de nada.

B: Não sabe que os do seu partido mandaram fazer serviço, missa, orações para si?

J: Não sei de nada. Se ele mandaram fazer serviço, não o fizeram por minha ordem. E se rezaram por mim, a minha opinião é que não fizeram nada de mal.

B: Os do seu partido acreditam que você seja enviada da parte de Deus?

J: Não sei se eles crêem, e me têm no seu coração; mas se não crêem, portanto eu sou enviada da parte de Deus.

B: Pensa que, ao terem crença que você é enviada da parte de Deus, eles têm boa crença?

J: Se eles crêem que sou enviada da parte de Deus, eles não estão a ser abusados.

B: Sabe o sentimento dos do seu partido quando eles lhe beijavam os pés e as mãos, e as suas roupas?

J: Muitas pessoas viam-me voluntariamente, e beijavam as minhas roupa o menos que eu podia. Mas vinham a mim pessoas pobres de livre vontade, porque eu não os queria desagradar.

B: Que reverência lhe fizeram os de Troyes quando entrou?

J: Não me fizeram nada. A minha opinião é que irmão Richard entrou com eles em Troyes. Mas não estou lembrada se o vi à entrada.

B: Não fez ele sermão à entrada, aquando da sua vinda?

J: Não fiquei aí muito. Quanto ao sermão não me lembro.

B: Foi muitos dias a Reims?

J: Penso que fomos quatro ou cinco dias.

B: Não levantou crianças nas fontes baptismais?

J: Em Troyes levantei um. Mas de Reims não tenho memória, nem de Château-Thierry. Levantei também dois em Saint-Denis. E voluntariamente metia o nome Charles aos filhos, em honra do meu rei, e às filhas Jeanne. E algumas vezes, segundo o que as mães queriam.

B : As mulheres da vila tocavam com os seus anéis no anel que você tinha?

J: Muitas mulheres tocaram na minhas mãos e nos meus anéis, mas não sei nada dos seus corações e intenções.

B: Quais foram os da sua companhia que prenderam borboletas no seu estandarte em frente do Château-Thierry?

J: Nada foi feito ou dito no nosso partido. Mas os do partido deste lado fizeram-no, e eles inventaram-no.

B: Que fez em Reims das luvas com as quais o seu Rei foi consagrado?

J: Houve uma entrega de luvas para os cavaleiros e nobres que lá estavam. E houve um que perdeu as luvas. Mas eu não disse que as faria encontrar.

B: Quem levava o seu estandarte em Reims?

J: O meu estandarte foi para a igreja de Reims, e parece-me que ficou perto do altar.

B: Quando andava pelo país, recebia frequentemente o sacramento de confissão e do altar quando você mantinha as aldeias?

J: Sim, algumas vezes.

B: Recebia os ditos sacramentos em roupa de homem?

J: Sim, mas não tenho memória de os ter recebido com as armas.

B: Porque pegou a cavalgadura do bispo de Senlis ?

J: Ela foi comprada por duzentos “saluts”. Se os receberam não sei. Mas eles tiveram ordem de pagamento, ou foram pagos. Por outro lado escrevi-lhe que ele a teria se quisesse, e que eu não a queria.

B: Que idade tinha a criança que visitou em Lagny?

J: A criança tinha três dias. Ele foi levado a Lagny em frente à imagem de Nossa Senhora. E foi-me dito que as donzelas da vila estavam frente à Nossa Senhora, e se eu queria ir rezar a Deus e a

Nossa Senhora para lhe darem vida. Fui, e rezei com os outros. Finalmente apareceu vida, e ela bocejou três vezes, e depois foi baptizada, e logo depois morreu, e foi enterrada em terra santa. Ora havia três dias, como diziam, que na criança a vida não aparecia, e ela estava preta como a minha armadura. Mas quando ela bocejou, a cor começava a voltar. Eu estava com as donzelas de joelhos frente a Nossa Senhora a fazer a oração.

B: Não foi dito na vila que você tinha feito esta ressurreição, e que tinha sido a sua oração?

J: Não indaguei nada.

B: Conhece Catherine de La Rochelle? Viu-a ?

J : Sim, em Jargeau e em Monfaucon em Berry.

B: Ela não lhe mostrou uma dama vestida de branco, que ela dizia que lhe aparecia algumas vezes?

J: Não.

B: Que lhe disse esta Catherine?

J: Esta Catherine disse-me que lhe vinha essa mulher de branco vestida de pano em ouro, que lhe dizia para ela ir pelas aldeias, e que o Rei lhe entregaria arautos e trompetas para fazer gritar que quem tivesse ouro, dinheiro ou tesouro, lho trouxesse logo; e que os que não o fizessem ela os reconheceria e saberia encontrar os ditos tesouros; e que era para pagar às pessoas d'armas. Ao que respondi para ela voltar para o seu marido, cuidar da casa e alimentar as suas crianças. E para saber com certeza, falei à santa Marguerite ou a santa Catherine, que me disseram que o caso desta Catherine era só folia e que não era nada. Escrevi ao meu Rei que lhe diria o que ele deveria fazer ; e quando estive com ele disse-lhe que era tudo folia. O irmão Ricardo queria que a puséssemos em obra. E ficaram desagradados comigo o irmão Ricardo e a dita Catherine.

B: Falou com Catherine de La Rochelle sobre ir à La Charité ?

J : A dita Catherine não me aconselhava a ir, dizendo que fazia muito frio e que ela não iria. Ela queria ir ter com o duque de Bourgogne para fazer paz, e eu disse-lhe que me parecia que não encontraríamos aí paz, a não ser através da lança.

Perguntei a Catherine se esta dama de branco que lhe aparecia vinha todas as noites, e se sim, eu dormiria com ela. E dormi e ficava de vigília até à meia-noite e não via nada, e depois adormecia. De manhã perguntava se ela tinha vindo: e ela respondia que sim e que eu dormia e que ela não tinha podido me acordar. Então perguntei se ela não viria no dia seguinte e ela respondeu que sim. Por isso, dormi de dia, a fim de vigiar de noite. E deitei-me na noite seguinte com Catherine e vigiei toda a noite. Mas não vi nada, e quase sempre lhe perguntava se ela não viria. E Catherine respondia: sim, em breve.

B: Que fez você nos fossos de La Charité?

J: Mandei fazer um assalto. Mas eu não jogava nada e nem fiz jogarem água benzida.

B: Porque não entrou, já que tinha mandamento de Deus?

J: Quem lhe disse que tinha mandamento de Deus de aí entrar?

B: Não teve conselho das suas vozes?

J: Eu queria vir para França. Mas as pessoas d'armas disseram-me que era melhor ir primeiramente para La Charité.

B: Esteve muito tempo na torre de Beaurevoir?

J: Estive quatro meses mais ou menos. Quando soube que os ingleses vinham para me prenderem, enfureci-me; todavia as vozes me disseram várias vezes para saltar. Enfim, por terror dos ingleses, saltei e recomendei-me a Deus e a Nossa Senhora. Quando saltei a voz de santa Catherine me disse que fiz boa figura e que me curaria, e que os de Compiègne teriam socorro. Eu rezava todos os dias pelos de Compiègne.

B: Que disse você quando saltou?

J: Alguns diziam que estava morta. E assim que constou aos Bourguignons que eu estava viva, eles disseram-me que eu tinha saltado.

B: Não disse que preferia morrer do que estar nas mãos dos ingleses?

J: Preferia entregar a minha alma a Deus que estar nas mãos dos ingleses.

B: Enfureceu-se e blasfemou o nome de Deus?

J: Nunca amaldiçoei nem santa nem santo, e não estou acostumada a jurar.

B: A propósito de Soissons, porque o capitão havia entregue a vila, não blasfemou que, se você o tivesse na mão, faria cortar o capitão em quatro peças?

J: Nunca blasfemei nem santo nem santa; e esses que o disseram ou reportaram ouviram mal.

B: Conduzam Jeanne à sua prisão.

(Tradução do documento em <http://www.abbaye-saint-benoit.ch/saints/jeanne/index.htm>)